



GAÚCHO: CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DO MITO

BANDEIRA, Silvana de Matos¹

VIEIRA, Sidney Gonçalves²

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras – Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola, UFPel.
mmmatosss@yahoo.com.br

² Orientador, Coordenador do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais, ICH/UFPel.
sid_geo@hotmail.com
Rua cel. Alberto Rosa, 154 - Bairro Porto – Pelotas.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aborda a construção e desconstrução do mito criado sobre o homem do pampa, a partir de uma análise do romance regionalista “O gaúcho” de José de Alencar, no qual é criado um estereótipo e uma mistificação do gaúcho.

A perspectiva literária do Regionalismo põe o regional acima do nacional, com a criação de personagens idealizados, exóticos, de caráter otimista, representado um símbolo da região que habitam. Alfredo Bosi (2001, p. 101) ao referir-se ao romance regionalista diz que este “tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar todo o país.” Este estilo de romance pretendia retratar os hábitos, paisagens, costumes, cultura e tipos humanos das regiões mais sobressalentes do país, quase se escravizando ao ambiente. “Assim, o que vai se formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social.” (BOSI, 2001, p. 101).

Num país com regiões tão distintas e com culturas locais arraigadas, por exemplo, um rio-grandense se sente muito mais gaúcho do que brasileiro. O romance Regionalista veio contemplar esta diversidade nacional. “Em país caracterizado por zonas tão separadas, de formação histórica diversa, tal romance, valendo por uma tomada de consciência, no plano literário do espaço geográfico e social, é ao mesmo tempo documento eloqüente na rarefação na densidade espiritual”. (BOSI, 2001, p. 101).

Neste período, o Brasil era recém independente e queria afirmar sua individualidade como nação, a fim de ser reconhecido perante os outros países. Os escritores e artistas preocuparam-se, então, em produzir uma arte genuinamente brasileira, que contemplasse as características de cada região do país, aspirando criar um passado mítico e idealizado à nova nação que tinha surgido. José de

Alencar tinha o objetivo de criar um “retrato do Brasil”, focalizando ambientes regionais brasileiros localizados distante da Corte, criando um mosaico de “tipos regionais”. Desta forma a unidade nacional era enaltecida através da diversidade regional.

2. METODOLOGIA

Para desenvolver este estudo inicialmente realizou-se um ensaio sobre o livro “O gaúcho” de José de Alencar. Posteriormente buscou-se a teoria sobre a ideologia que está por trás da criação do mito do gaúcho e o que isto influenciou na construção da identidade do povo habitante do pampa e nas tradições que hoje ainda são cultivadas nos inúmeros CTGs (Centro de Tradições Gaúchas) existentes principalmente na zona urbana.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo as características do Romantismo, a personagem principal do romance de José de Alencar tinha uma forte ligação com o Pampa onde habitava. Além disto, nesta época estava em voga a influência de Lamarck que acreditava num determinismo segundo o qual o homem é resultado do meio natural. Também o geógrafo Carl Ritter, defendia que “a personalidade dos povos estrutura-se a partir da influência do meio natural, configurando uma segunda natureza”. (MAGNOLI; OLIVEIRA; MENEGOTTO, 2001, p. 22).

O Gaúcho era considerado um “homem da fronteira”, habituado a viver em constantes lutas para defender as fronteiras e expandir o território do RS. Devido a isto, desenvolveu o espírito de liderança, o gosto pela liberdade e o amor por sua terra. No entanto, esta visão do Gaúcho era em uma perspectiva idealizada, que não correspondia totalmente à verdade. O verdadeiro Gaúcho rio-grandense não teve uma origem tão nobre assim. Magnoli; Oliveira e Menegotto (2001, p. 23) desmistificam esta imagem ao contar que anteriormente o “Gaúcho original era visto com desprezo pela sociedade branca colonial. O mestiço pobre, “ladrão de gado”, errante e “vagabundo”, ocupava a parte inferior da pirâmide social.” Este Gaúcho verdadeiro, mistura de espanhol, índio e português que vivia cruzando os territórios divididos entre Portugal e Espanha e brigando para garantir a posse das terras, que falava termos guaranis misturados com palavras castelhanas e portuguesas, era muito distinto do Gaúcho idealizado do livro de José de Alencar. “Somente bem mais tarde, depois que o Gaúcho livre desapareceu, é que foi elaborada a imagem galante, romantizada, do gaúcho pampeano.” (MAGNOLI; OLIVEIRA; MENEGOTTO, 2001, p. 23). O ladrão de gado deu lugar ao heróico cavaleiro do Pampa.

Golin (1983, p. 23) faz uma crítica à obra de José de Alencar ao escrever “no mais medíocre de quantos romances escreveu, pretendia a nobre descendência do novo homem americano e obteve uma caricatura no resultado final.” A criação deste mito e de seus elementos componentes “correspondem a uma construção ideológica da oligarquia rural sul-rio-grandense, construção que buscava, basicamente, dois objetivos: diferenciar-se externamente, em a então classe dirigente do sudeste cafeeiro e escravista, e justificar internamente seu poder, cooptando os estratos sociais médios e inferiores, tanto urbanos quanto rurais.” (DACANAL, 1992, p. 82).

A ideologia do gauchismo foi fortemente influenciada pelo filósofo positivista Augusto Comte. Segundo o francês Comte, o homem existia para servir à

humanidade e deveria se submeter invariavelmente ao poder. Além disto, a visão positivista “defende a exaltação do herói, ocultando suas fraquezas e aspectos negativos...” (GOLIN, 1983, p. 14) e defende a conservação da ordem.

Em 1948 foram criados os primeiros CTGs que vieram reavivar ainda mais o mito do gaúcho. Embora se cultive as tradições gaúchas, através de festivais, CTGs e piquetes, e ainda haja a estância pastoril, onde a figura autêntica do gaúcho está presente, uma parte da população já não vive as tradições no seu cotidiano, devido à industrialização, urbanização e globalização e formam os “gaúchos urbanos” que buscam na história e nos mitos uma forma de resistência cultural a influência imposta pela mídia.

3. CONCLUSÃO:

Não foi apenas este “homem da fronteira” que por vezes falava termos castelhanos (caramba, muchacha, chiquita, cuchillo, regalito...), porém todo o Pampa também foi idealizado. “Como são melancólicas e solenes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Uruguai e seus afluentes!” (ALENCAR, 2002, p. 15). O Gaúcho é apenas o produto deste magnífico lugar que molda os seres que nele habitam, tornando-os tão majestosos quanto ele.

Embora a beleza do Pampa e a nobreza do Gaúcho não possam ser contestadas, tendo dado várias demonstrações nas inúmeras batalhas para conquistar e garantir o seu território e mostrando a sua coragem ao lutar bravamente na Revolução Farroupilha e na Revolução Federalista, entre outras, o Gaúcho descrito no livro ultrapassa a verdade, tornando-se um mito idealizado e supervalorizado, a fim de enaltecer a região do Pampa, assim como “O Sertanejo”, exaltou o Sertão e o “Tronco do Ipê”, caracterizou o Rio de Janeiro. Assim, o Brasil fortaleceu a sua nacionalidade ao valorizar as suas regionalidades, contribuindo para a sua afirmação como nação independente.

O Gaúcho do romance é apenas um estereótipo do verdadeiro gaúcho e a criação deste mito teve por objetivo transformar para melhor a imagem negativa do homem pampeano, anteriormente visto com desprezo pela sociedade, bem como “encobrir” as diferenças de classes, sendo que todos são “gaúchos” e não percebem que há diferenças econômicas e históricas entre “patrões”, “prezados” e “peões”. Porém, mesmo o gauchismo sendo um movimento criado para manter a hegemonia das classes dominantes, tem a função positiva de valorizar a identidade local frente à “aculturação” causada pela Globalização.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. **O gaúcho**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2001. 528 p.
- CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Estudos de teoria e história literária. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. 204 p.
- FAGUNDES, Antônio Augusto et AL. **Nós, os gaúchos**. 1 ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992. 300 p.
- GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**. 1 ed. Porto Alegre: Tchê, 1983, 174 p.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Além do Latifúndio**. Geografia do interesse econômico gaúcho. 1 ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000, p. 127-148.

MAGNOLI, Demétrio; OLIVEIRA, Giovana e MENEGOTTO, Ricardo. **Cenário Gaúcho**. Representações históricas e geográficas. São Paulo: Moderna, 2001.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários**. 1ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.